

Arnaldo de Pinho, um homem inteiro

Carlos Mota Cardoso

Cada homem é um produto do "seu tempo", ouve-se a cada passo dizer. Todavia esta legenda é só parcialmente verdadeira. Existem homens que, no "seu tempo", conseguem erguer-se bem acima dos anos que atravessam, projetando o olhar profundamente no futuro, num devir mais consentâneo com a humanidade do homem. A vida e a obra do teólogo Arnaldo de Pinho constituem um destes felizes exemplos.

A vida, a pura vida, cumpre-se simplesmente, lembrando quase uma fatalidade. Começa e acaba sem cada um tocar na corda do relógio vital que o tempo vai consumindo. Mas a existência, essa modela-se intencionalmente com as mãos da alma, guia-se pelos caminhos que cada um livremente escolhe, distende-se e encolhe-se ao ritmo da intenção e da vontade. Os olhos da alma veem em todas as direções, mas tocam também as margens da ética que apertam o caminho e refinam as escolhas. A questão está em galgar as bermas da estrada e decidir a marcha de acordo com os princípios da facilidade e do prazer. Há muitos que o fazem aparentemente incólumes, abrigados em regras cultivadas no presente: o imediatismo, o mediatismo, o triunfo individual. Arnaldo de Pinho está absolutamente fora deste grupo ilusoriamente triunfante.

Existem homens que sabem tecer com os fios da coerência e de verdade uma história de vida dedicada ao bem comum, à coisa pública e ao enriqueci-

mento ético do "seu tempo". Estes homens esforçam-se por fazer passar a realidade do "seu tempo" pela peneira da crítica e da intuição, mantendo persistentemente sobre tensão a dialética entre a armadura técnica do homem (hoje colossal) e o verdadeiro sentido da vida. É este o caso de Arnaldo de Pinho.

Teólogo estudioso e arejado, assumiu-se sempre como um humanista exigente, filtrando com exemplar bom senso tudo o que do mundo lhe chegava, seja pelo contacto com o meio ambiente, seja pelo que pousava no leito da alma. Em geral aquilo que cai na intimidade do ser vem atizado pelos ventos dos afetos. O perfil deste homem reflete distinção e indisfarçável grandeza. Todavia, a moldura que o define revela-se singelamente tingida com as cores da discrição e da humildade.

Num tempo de vazios angustiantes, de solidão, de impaciência, despedido de atitudes altruístas, gerador de desconfianças e distorções ao nível da comunicação interpessoal, num tempo gélido e pobre de afetos longos, é reconfortante o encontro com homens que mantenham acesa a chama da compreensão dos fenómenos, sem descurar, obviamente, a eventual explicação dos mesmos. É reconfortante o contacto vivo com alguém que, para lá da racionalidade e da lógica, sabe perscrutar o simbolismo dos comportamentos humanos e sondar o verdadeiro sentido das coisas.

Homem de cultura e de fé, teólogo apostado em mover-se, sempre que possível, nos mares da racionalidade e da lógica, sem nunca descurar, como acima amplamente realçámos, a compreensão dos fenómenos. A este propósito, ocorreu-me reler um autor que, presumo, terá influenciado de algum modo Arnaldo de Pinho – Karl Jaspers. O sábio alemão viveu igualmente entalado entre as forças avassaladoras dum positivismo que, no seu tempo, anos trinta e quarenta do século passado, chegou a ser galopante e as forças dum idealismo aparentemente piedoso que tudo igualava e que rapidamente deslizou para a sombra ideológica dum socialismo sem rosto humano.

Karl Jaspers chamava a atenção para a profunda transformação que se operava no homem, enquanto ser psicocultural, nos últimos cem anos. E avançava uma possível interpretação do fenómeno. Particularmente no Ocidente, o ser humano, puxado por uma filosofia cada vez mais racional, largara há já alguns séculos a postura mágico-primitiva, a qual influenciava ainda algumas culturas orientais e centro-asiáticas.

Com a conquista da racionalidade, operada pelo pensamento ocidental, surgia um brutal desenvolvimento técnico-industrial no mundo europeu e norte-americano, arrastando o homem para uma crescente submissão à máquina. Tal fenómeno tinha fortes implicações sociais, criando ou ajudando a criar novas formas de comunicação interpessoal, necessariamente mais frias no plano emocional e, por consequência, mais desumanizadas.

Para Jaspers, os fatores que mais contribuíram para a alteração psicocultural do homem ocidental e, portanto para a tecnificação do mundo, seriam as seguintes: o gosto pelas ciências naturais, o espírito de invenção e a organização do trabalho. "Estes três factores (diz Jaspers) têm um elemento em comum – a racionalidade."

Porém, muito antes da tecnificação do mundo, o homem começou a sentir os efeitos da erosão imparável do pensamento mágico-religioso que o tinha guiado durante toda a Idade Média. O racionalismo crescente, animado por um positivismo sem freio, encorajado pelo prodígio técnico da inteligência artificial, acabou por comprometer a comunicação inter-humana, o altruísmo e a partilha. "O homem contemporâneo, empapado de racionalismo e positivismo, desenvolve a sua vida regulado por um programa dirigido a um bem-estar tecnificado, cujos capítulos mais importantes correspondem ao bem-estar do próprio corpo." Com ele e com a máquina persegue-se o triunfo imediato, a estética estreita-se até aos limites do erótico, a ética afoga-se no mar da conveniência, o simbolismo sucumbe ao peso do racionalismo. Numa palavra, o espaço abundante do futuro esfuma-se, deixando no seu lugar um brutal vazio cujo peso comprime a alma e reduz a vida à dimensão presente.

Por força do desenvolvimento das ciências e do progresso técnico alcançado, particularmente nos últimos cinquenta anos, o homem deslumbrou-se e quase se convenceu que dominaria a natureza. Esta verdade tem particular acutilância na medicina, onde tudo se faz para tecnicamente apagar as marcas do tempo, iludindo assim a morte. Para alguns o homem mais não é do que a soma de partes. Portanto, bastaria consertar a parte sofredora para o restituir ao caminho perfeito da saúde.

Felizmente, pulsa hoje amplamente no pensamento ocidental uma visão que reputaríamos de antropológica e que coloca o "Homem Total" no centro de todas as preocupações. O homem deixou assim de ser apenas e só uma soma de partes, erguendo-se acima de si mesmo, ou seja transcendendo-se para fora de si, elevando-se em liberdade até aos planos da ética e do espírito. Foi uma legião de homens esclarecidos como Arnaldo de Pinho que ajudou a semear nos desertos materialistas, renovando sementes passadas, as novas concepções antropológicas firmemente humanizadas.

Por fim, não quero deixar de notar uma característica admirável e que exerce de forma muito viva – a tolerância.

Por detrás do homem de fina compreensão dos problemas humanos, rico em interesses culturais multidisciplinares, abnegado na lavoura agrícola e espiritual, inteiro e generoso na entrega aos outros, dedicado aos temas que constituem objetivos da sua vida religiosa, social e cultural, por detrás deste homem está alguém profundamente tolerante. Sempre pronto a escutar os

outros e sempre aberto a ajustar o seu pensamento ao bem comum e à verdade, sempre delicado e disponível para compreender os problemas alheios.

O encontro com homens desta grandeza alivia a angústia existencial e ilumina os caminhos do futuro.

Setembro de 2012